

Claudio Cretti e o erotismo

Paula Borghi

Texto realizado para a exposição “Mesa Posta”, individual de Claudio Cretti na Oficina Cultural Oswald de Andrade, de 25/02 a 16/04 de 2016, em São Paulo – SP.

SALA 1 – MESA POSTA

Há um vacilo cíclico entre tensão e tesão. O espectador pode se levar por uma leitura mais racional ou deixar ser tomado pela sensualidade das esculturas. Aqueles que conseguem estar inerentes a referências históricas¹, atingem a contínua construção e desconstrução da forma e daquilo que se formaliza. Cachimbo, piteira, pito, varão, falo, pica, jeba, tora, pinto, pau, cacete, caralho e rola podem ter a mesma voz, arquitetar o mesmo sentido. Objeto torna-se desejo.

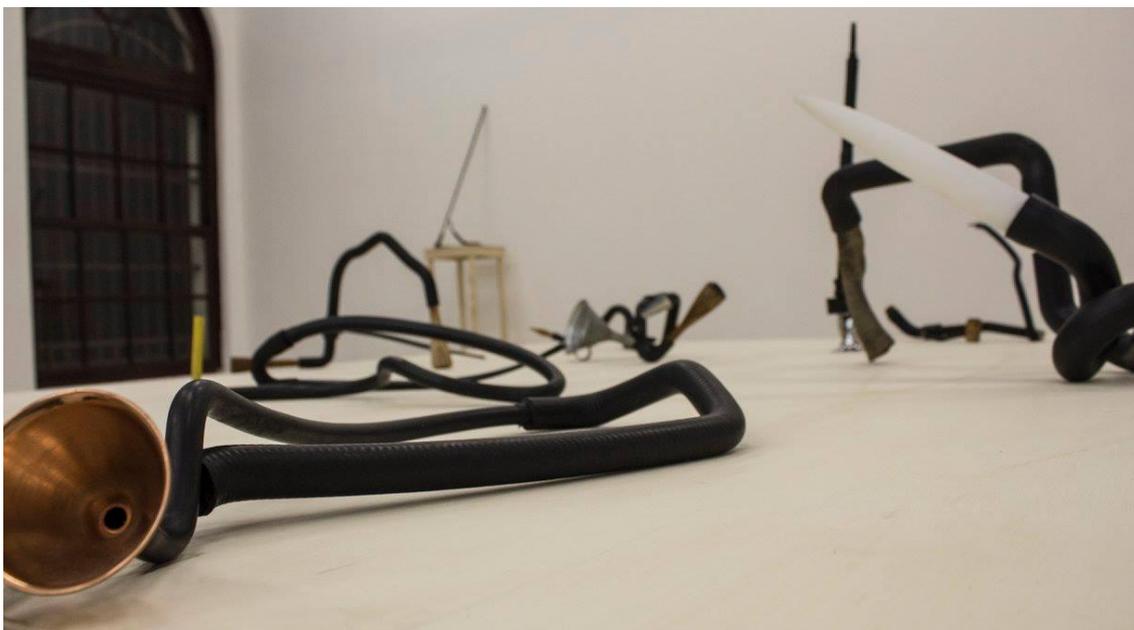


Quando esta tensão atinge o sensível, ela nos torna parceiros desta violação, cúmplices do sentido íntimo destas formas. Palavrando Bataille: “Os corpos se abrem para a continuidade através desses canais secreto que nos despertam o sentimento de obscenidade. A obscenidade significa a desordem que perturba um estado dos corpos que estão conformes à posse de si, à posse da individualidade durável e afirmada.”².

O obsceno atravessa o olhar, conduzindo-nos a indistinção. É impossível a dissociação destes objetos, visto que o cruzamento entre os distintos materiais modifica a eles próprios, rompendo com a ideia de autonomia dos artefatos. Tal ação faz com que os peças potencializem sua sexualidade. Movimento que, em sua proporção, torna viva a matéria inanimada.

Rodeamos a mesa posta com olhos daqueles que devoram um banquete. Pedaco por pedaco, em um encaixe perfeito de corpos, cada qual composto por um tipo de carne. Barro, madeira, borracha e pedra, estes são os grandes protagonistas da peça. Relíquias tencionadas umas contra as outras. O encaixe é o que sustenta as esculturas aparentemente estáveis. Há uma surpreendente junção, ou melhor, uma espécie de transgressão. A posição dos objetos (o duro em fricção com o mole e principalmente aquilo que é interdito) expõe a questão decisiva para a atividade. Fato: é o erótico grande responsável pela deformação.

O membro apresenta um pequeno orifício em suas extremidades, passível ou não de preenchimento. O objeto que encaixa-se em seu pito pode abafá-lo, deixando-o sem



ar, embora muito satisfeito. Ocupar uma de suas aberturas para, então, compartilhar a mesa. Seus parceiros são relíquias, colecionadas ao longo de uma vida. Artefatos que guardam histórias, lembranças para quem lhes possuiu. A relação de poder entre os objetos e o autor é de ambiguidade. Colocá-los em exposição é, mesmo que de forma subjetiva, pôr em exibição o próprio autor.

O banquete segue. Traga-se o prazer de desfrutar aqueles que estão sobre a mesa.

SALA 2 - ONDE BARRO A CASA O CORPO

Em uma sala vazia, quatro pessoas e quatro toneladas de argila. O peso do barro fresco pousa no assoalho, as solas dos pés tocam sua superfície. A argila penetra cuidadosamente entre os dedos de cada integrante e cobre um pouco dos calcanhares. Eles vestem apenas barro, cueca e camiseta branca. A macies do piso massageia o passo lento do caminhar. Pouco a pouco, os pés são abraçados por aquela massa.

A humidade que sai do chão paira no ambiente. O cheiro de terra ocupa toda a sala, preenchendo os espaços vazios contornados pelos indivíduos. Aos poucos, o suor humano faz-se presente. A respiração pulmonar se mescla com as bolhas de ar presas na argila, fazendo o ar entrar e sair, e, novamente, sair e entrar. Os poros se abrem ao ponto de tocar as paredes e subir até o teto do aposento. Não há mais distinção entre corpo, casa e barro.

Cada performer carrega um balde metálico com vaselina e um banquinho de madeira. As ações são simples: caminhar, sentar e modelar. Paulatinamente os verbos são contemplados. Formas topográficas vão surgindo sobre os pés em busca de sustentabilidade. A argila se equilibra na vertical, que ainda mole aguenta a ereção.

Um frente ao outro, os performers se tocam através do barro. O movimento das mãos lembra uma masturbação. Só esta cena seria suficiente para sermos levados ao gozo. A sensualidade daquele toque faz despertar a imagem de um falo endurecendo entre os dedos do amante. Vai e vem, desliza com suavidade, umidifica o torno e o acaricia com ternura. O gesto é simples e só a prática pode alcançar a perfeição.

Sempre com cuidado, o performer tem a consciência que apenas um toque em falso pode desencadear um desmoronamento. Basta um leve vacilo para a forma se



estremecer. É preciso lembrar que a ruína esta mais próxima do que se imagina. A arquitetura que se arma guarda o corpo, “corpo que também está no cerne da escultura, dá corpo a uma ideia.”³. O homem, o barro, a vaselina e a ação de construir.

O erótico segue abrindo espaço para o profano e o sagrado⁴. O trabalho carrega em si um gesto racional, porém potencializado por uma abrupta sensualidade. Quando concluído o ato, os performers se retiram e resta ao espectador disfrutar deste deleite. Os que não assistiram a performance, seguem as marcas deixadas na argila. Já



aqueles que o testemunharam ao vivo, guardam a umidade entre as pernas.

1 “Isto é um cachimbo”, de René Magritti

2 George Bataille, O Erotismo, pag 14

3 Palavreando Claudio Cretti

4 Definição de George Bataille, O Erotismo, pag. 30 “As expressões mundo profano (= mundo do trabalho ou da razão) e mundo sagrado (= mundo da violência) são,

entretanto, muito antigas. Mas profano e sagrado são palavras da linguagem irracional”.